

# AS MÚLTIPLAS FORMAS DE LER: REPRESENTAÇÕES DA LEITURA NA LISBOA OITOCENTISTA EM *O PRIMO BASÍLIO*, DE EÇA DE QUEIRÓS

*THE MULTIPLE WAYS OF READING: REPRESENTATIONS  
OF READING IN NINETEENTH-CENTURY LISBON IN  
O PRIMO BASÍLIO BY EÇA DE QUEIRÓS*

Isabela Coradini Pinheiro 

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

## Resumo

O intuito do presente trabalho é analisar as diferentes formas como a leitura é representada no romance *O primo Basílio*, de Eça de Queirós. Para isso, alguns aspectos serão levados em consideração, como a cultura literária, a educação dos homens e mulheres da época, a circulação dos periódicos e o contexto social da Lisboa oitocentista. Pretende-se, então, elaborar um breve recorte sobre a recorrência da leitura na obra queirosiana, destacando as preferências literárias dos personagens e a maneira como esse aspecto influencia a produção de sentido do romance como um todo.

**Palavras-chave:** Eça de Queirós; personagens leitores; jornais; século XIX.

## Abstract

The aim of this paper is to analyze the different ways in which reading is represented in the novel *O primo Basílio* by Eça de Queirós. To this end, some aspects will be taken into consideration, such as literary culture, the education of men and women of the time, the circulation of periodicals, and the social context of nineteenth-century Lisbon. The intention is to provide a brief overview of the recurrence of reading in Queirós' work, highlighting the

## Resumen

El objetivo de este trabajo es analizar las diferentes formas en que la lectura es representada en la novela *O primo Basílio*, de Eça de Queirós. Para ello, se tendrán en cuenta algunos aspectos como la cultura literaria, la educación de los hombres y mujeres de la época, la circulación de los periódicos y el contexto social de la Lisboa decimonónica. Se pretende, así, elaborar un breve recorte sobre la recurrencia de la lectura en la obra queirosiana, destacando cuáles son

characters' literary preferences and how this aspect influences the overall meaning of the novel.

**Keywords:** Eça de Queirós; Reader Characters; Newspapers; Nineteenth Century.

las preferencias literarias de los personajes y de qué manera este aspecto influye en la producción de sentido en la novela en su conjunto.

**Palabras clave:** Eça de Queirós; personajes lectores; periódicos; siglo XIX.

Um dos pontos mais significativos em *O primo Basílio*, e em grande parte da obra queirosiana, é a representação da leitura. Percebemos, em muitos textos, uma pluralidade de personagens leitores cuja personalidade é moldada pelas preferências literárias. Também é possível observar a maneira como Eça distingue as leituras feitas pelos homens e pelas mulheres e aponta como causa dessa diferença a educação desigual entre os gêneros, culminando em mais uma forma de crítica à sociedade portuguesa do século XIX.

Ao tratar da literatura consumida pelos personagens masculinos n' *O primo Basílio*, percebe-se claramente tal distinção. Sabemos que Eça foi um grande crítico da educação feminina portuguesa e mostrava a problemática de um molde educacional que não instruía as mulheres – sobretudo as burguesas – com grandes valores, pois, como eram educadas para alcançar um casamento vantajoso financeiramente, aprendiam sobretudo as tarefas referentes aos papéis domésticos. Analisando a educação feminina no século XIX, Michelle Perrot (2019, p. 93) afirma:

É preciso, pois, educar as meninas, e não exatamente instruí-las.

Ou instruí-las apenas no que é necessário para torná-las agradáveis e úteis: um saber social, em suma. Formá-las para seus papéis futuros de mulher, de dona de casa, de esposa e mãe. Inculcar-lhes bons hábitos de economia e de higiene, os valores morais de pudor, obediência, polidez, renúncia, sacrifício... que tecem a coroa das virtudes femininas.

Como a mulher era educada, não instruída, toda a sua formação era baseada em um saber social que, por uma perspectiva masculina, ditava a ela seus melhores hábitos, desde as vestimentas até as leituras. Tendo em vista esse modelo, um dos pontos criticados por Eça era o estabelecimento de uma literatura ideal para as mulheres: a de romances, novelas, folhetins e poesias, muitas vezes com um conteúdo romântico. Logo, enquanto aos homens ficaria destinado o consumo de uma literatura tida como culta, com um teor mais social e científico, as mulheres poderiam apenas ter contato com um tipo de leitura, muitas vezes vista como perigosa por gerar uma mentalidade fantasiosa.

Os personagens masculinos leitores d'*O primo Basílio*, em sua maioria, representam uma relação direta entre a formação de caráter e as afinidades literárias, havendo uma forte presença de obras que remetem ao ideal de erudição<sup>1</sup> da época. Como exemplo, destacamos inicialmente a figura de Jorge: ele é descrito pelo narrador como um homem de negócios, sério, pouco afeito ao romantismo, e, no começo do romance, está lendo um volume de Louis Figuier, escritor francês do século XIX, grande divulgador da ciência. Essa representação literária mostra que as leituras realizadas pelo personagem condiziam com alguns traços de sua personalidade letrada e científica. Entretanto, é curioso observarmos que Jorge não faz a leitura de filósofos renomados e que alguns autores de que gostava não eram cientistas, mas sim divulgadores da ciência. Isso nos faz pensar como Eça mostra a existência de diversos tipos de intelectual na época.

Além disso, ao descrever o lado sentimental do marido de Luísa, o narrador queirosiano expõe:

Elle, [*sic*] nunca fôra sentimental: os seus condiscipulos, que liam Alfred de Musset suspirando e desejavam ter amado Margarida Gautier, chamavam-lhe *proseirão*, *burguez*: Jorge ria; não lhe faltava um botão nas camisas, era muito escarolado, admirava Luiz Figuier, Bastiat e Castilho [...] (Queiroz, 1878, p. 8).

Há, nessa passagem, uma intenção de estabelecer um paralelo com o perfil do personagem e a literatura de sua preferência. Os livros favoritos de Jorge estavam de acordo com seu caráter mais sisudo, é por isso que o engenheiro estava focado no cientificismo de Louis Figuier e na economia francesa explicada por Frédéric Bastiat. A leitura de tais autores de certo modo justifica a simpatia do personagem por questões científicas e sociais e reforça a antipatia por narrativas românticas. No entanto, no mesmo trecho, observa-se que o engenheiro também estimava Antônio Feliciano de Castilho, grande nome do romantismo português, ou seja: o personagem consumia a literatura científica, mas também admirava um autor do passado, pelo qual Eça certamente não tinha grande apreço.

É interessante destacar a presença do romantismo no meio em que Jorge está inserido. Jorge pertencia a uma baixa burguesia e apreciava um autor romântico, mesmo sendo pouco afeito ao romantismo. Além disso, os amigos do engenheiro também são pequenos burgueses, pertencem a uma classe média que possui um desejo de ascensão e consomem a literatura romântica, visto que o narrador nos diz que eles admiravam a personagem

---

1 No século XIX, os homens vistos como eruditos eram aqueles que tinham domínio, principalmente, sobre assuntos econômicos, políticos e sociais. Logo, as leituras com temáticas de caráter científico eram as mais consumidas por esses indivíduos.

principal de *A dama das camélias*, de Alexandre Dumas Filho, e suspiravam com a leitura de Alfred de Musset, grande nome do romantismo francês. Tais fatos nos possibilitam levantar hipóteses sobre o motivo por que esses homens consumirem esse tipo de leitura: eles estão lendo os escritores românticos para se sentirem mais cultos ou, talvez, pertencentes a uma camada social mais alta? Essa literatura atinge um público de classes sociais mais baixas? Como não temos informações mais detalhadas sobre esses personagens secundários e apenas temos ciência do tipo de leitura que os agradava, torna-se difícil estabelecer uma teoria concreta sobre a relação que eles possuíam com a literatura romântica. No entanto, podemos afirmar que o romantismo estava presente naquele meio social e que a menção a autores românticos, sejam portugueses, sejam de outros países, reforça a importância desse movimento para o Portugal dos Oitocentos.

Outra representação masculina com caráter intelectual é o Conselheiro Acácio, que, além de ter sido diretor geral do Ministério do Reino, também era escritor. Descrito como um defensor da moral e dos bons costumes, o Conselheiro possuía uma grande proximidade com a literatura: ele reconhecia a importância dos autores canônicos portugueses (e românticos), pois “dizia sempre ‘o nosso Garrett, o nosso Herculano’ ” (Queiroz, 1878, p. 45), e escrevia livros que, aparentemente, indicavam o seu conhecimento em assuntos diversos:

[...] tinha composto os ELEMENTOS GENERICOS DA SCIENCIA DA RIQUEZA E SUA DISTRIBUIÇÃO, *segundo os melhores autores*, e como sub-título: *Leituras do serão!* Havia apenas mezes publicára a RELAÇÃO DE TODOS OS MINISTROS D’ESTADO DESDE O GRANDE MARQUEZ DE POMBAL ATÉ NOSSOS DIAS, COM DATAS CUIDADOSAMENTE AVERIGUADAS DE SEUS NASCIMENTOS E OBITOS (Queiroz, 1878, p. 45-46).

Além de todas essas produções de sua autoria, o narrador posteriormente mostra que o Conselheiro está escrevendo mais um livro, intitulado *Descrição das principaes cidades do reino e seus estabelecimentos*, reforçando, mais uma vez, a capacidade do personagem de elaborar obras relacionadas a temáticas variadas. Porém, com uma observação mais minuciosa, percebemos que a maioria desses títulos são descritivos, e vemos novamente como Eça explora a multiplicidade da figura do intelectual presente no meio lisboeta oitocentista.

Em outra passagem, o leitor tem conhecimento das leituras que Acácio realizava:

— Prezo-me de ter os autores mais illustres, amigo Zuzarte! — disse com orgulho o Conselheiro.

Mostrou-lhe a *Historia do consulado e do imperio*, as obras de Delille, o *Diccionario da conversação*, a ediçãozinha bojuda da *Encyclopedia Roret*, o *Parnaso lusitano* [...] (Queiroz, 1878, p. 440).

Vemos a variedade de obras presentes no repertório do Conselheiro: há títulos com teor histórico, como a *História do consulado e do império*, do historiador francês Adolphe Thiers; um exemplar de um *Dicionário da conversação*, provavelmente para aprimorar a sua oratória; nota-se a presença de obras ficcionais, como as do poeta francês Jacques Delille, e também o *Parnaso lusitano*, grande coletânea de poesias de diversos autores portugueses; além disso, o personagem possui uma edição da *Enciclopédia Roret*, que, na época, consistia em uma série de manuais publicada na França sobre assuntos variados, como artes e ciências. Sendo assim, a importância da personalidade tão única e característica de Acácio pode ser vista como um reflexo da literatura que o personagem costumava ler.

Entretanto, há uma quebra com tal imagem no momento em que Julião, quando revirou o quarto do amigo, “abriu [...] a gavetinha da mesa de cabeceira, e viu, espantado, uma touca e o volume brochado das poesias obscenas de Bocage!” (Queiroz, 1878, p. 442). Sabemos que o século XIX era uma época em que a moral e a discrição eram os grandes pilares da sociedade. Na perspectiva de Julião, a leitura de poesias eróticas seria um rompimento desses princípios, por isso a surpresa ao encontrar o volume de Bocage na gaveta de Acácio, um homem que defende a moral. Mas, sabendo que o desejo humano sempre esteve presente naquele meio, sobretudo porque ele “é constituidor do social” (Kuster; Pechman, 2014, p. 270), podemos afirmar que o problema, na verdade, não é a leitura que o Conselheiro faz dos poemas obscenos, mas sim a reação negativa de Julião ao deparar com esse tipo de literatura.

Eça descreve o Conselheiro inserido em um meio social hierarquizado, onde o desejo não tem o devido espaço, e é por isso que devia se adequar aos moldes daquele contexto como lhe fosse possível: mantendo suas aparências ao defender os bons costumes, mas, no âmbito privado, vivendo amigado com a sua criada e escondendo um livro considerado obsceno. Sendo assim, o Conselheiro busca esconder algo que o particulariza, e tal ato está relativamente inserido nos usos e costumes da época, que abre algum espaço para o desejo desde que se salvem as aparências. Esse modo de agir do Conselheiro faz dele o homem que é: ambíguo, hábil, cordato, bem aceito, razoavelmente feliz na Lisboa da Regeneração.

Eça de Queirós faz mais uma interessante associação com personagens leitores, dessa vez com Basílio. De maneira contrária a Jorge e ao Conselheiro, Basílio não demonstra intelectualidade, nem interesse por questões científicas. É um homem de personalidade sedutora, viril, donjuanística,<sup>2</sup> ligada principalmente à sexualidade. Suas leituras também condizem com esse caráter:

Ao pé, na jardineira, tinha o seu *buvard* com um largo monogramma em prata sob a corôa de conde, caixas de charutos, os seus livros – *Mademoiselle Giraud ma femme*, *La vierge de Mabilie*, *Ces Frippones! Memoires secrètes d'une femme de chambre*, *Le chien d'arrêt*, *Manuel du chasseur*, numeros do *Figaro*, a *photographia* de Luiza, e a *photographia* d'un cavallo (Queiroz, 1878, p. 347).

A descrição da estante de Basílio nos permite uma série de interpretações. Podemos perceber uma predominância da literatura francesa, com a presença de livros associados a uma “literatura vulgar” – a famosa literatura para homens –, que dialoga muito com a personalidade sedutora de Basílio. *Mademoiselle Giraud ma femme*,<sup>3</sup> por exemplo, foi escrita pelo autor francês Adolphe Belot e abriu as portas para a novela lésbica, sendo um escândalo à época; *La vierge de Mabilie*, de autoria de Henri Scoffier, fez parte da trilogia *Les femmes fatales*, e podemos deduzir, devido ao título, a presença de um certo teor de sensualidade que permeia a obra; já *Memoires secrètes d'une femme de chambre* pode ser uma referência ao romance *Mémoires d'une femme de chambre*,<sup>4</sup> de Henri de Pène, título que também nos permite inferir que a obra deve explorar as intimidades do mundo privado vivenciadas por uma camareira. Além disso, *Ces frippones!* é possivelmente um nome fictício inserido por Eça para reforçar ainda mais a ideia de que as leituras de Basílio possuíam um cunho erótico ou devasso, pois a tradução do título significa “As travessas”.

A biblioteca de Basílio também possui exemplares que remetem à masculinidade do personagem, como um livro sobre cães de caça (*Le chien d'arrêt*) e um manual do caçador (*Manuel du chasseur*). O retrato de Luísa junto à fotografia de um cavalo é igualmente relevante para a construção do retrato de Basílio, marcando que o personagem, além de colecionar livros

2 De acordo com Carlos Reis (2000, p. 51), “[...] o donjuanismo traduz-se numa atitude de sedução masculina, exercida sobre a mulher permeável a um idealismo amoroso quase sempre de matriz romântica: numa sociedade burguesa atravessada por diversos rituais sociais, o homem ‘que faz a sua corte’ à mulher, mesmo quando casada, assume um comportamento não só tolerável, como socialmente legítimo”. Nota-se, portanto, que esse é um traço marcante do perfil de Basílio.

3 Na perspectiva de Leonardo Mendes (2020, p. 246), esse romance foi considerado um “romance de sensação” e um dos maiores sucessos de Adolphe Belot. No Brasil, foi publicado pela Biblioteca Galante (uma seleção de livros licenciosos de baixo custo), da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, com o título *Esposa e virgem* (1870).

4 Durante a pesquisa, encontramos poucas referências *on-line* sobre essa obra. Por isso não podemos afirmar com certeza o enredo do romance e trabalhamos com hipóteses sobre a narrativa.

eróticos, coleciona amantes, que, para ele, possuem a mesma importância de um animal. Assim, o retrato de Basílio, leitor de livros para homens, colabora para a formação do perfil do que ele será para Luísa: o amante, o homem que ela deseja sexualmente sem admitir nem para si, muito menos para a sociedade. Exatamente por isso, *O primo Basílio* é uma nota destoante dentro dos preceitos moralizadores da Geração de 70 e de muito pouco serve lê-lo pelo esquadro e pela régua d'*As farpas*.

Além disso, um ponto notável no texto de Eça, ainda sobre Basílio, é o uso da literatura como forma de sedução. Em um determinado momento, Basílio pergunta a Luísa se ela já leu um certo romance:

Também elle passára a manhã deitado no sophá a lêr a *Mulher de fogo* de Belot. Tinha lido, ella?

— Não, que é?

— É um romance, uma novidade.

E acrescentou sorrindo:

— Talvez um pouco picante; não t'ó conselho! (Queiroz, 1878, p. 118-119)

*A mulher de fogo* foi publicada em 1872 por Adolphe Belot e, de acordo com Leonardo Mendes (2019, p. 78), a obra, considerada literatura erótica, podia circular na sociedade como um “livro para homens” – juntamente com outras produções do autor, incluindo *Mademoiselle Giraud ma femme*, que está na estante de Basílio. Tal fato marca, novamente, Basílio e as suas leituras de preferência. Aqui, ele utiliza mais uma forma para seduzir Luísa, dessa vez com a literatura, pois sabe que a prima é leitora e curiosa, então o romance despertará o interesse da jovem. Conforme sugere Mendes,

*A mulher de fogo* é o livro “picante” que Basílio lê no romance de Eça de Queirós e recomenda a Luísa no intuito de seduzi-la, mostrando como o naturalismo e o “romance de sensação” ocupavam lugares semelhantes no imaginário de leitura do fim do século como livros carnais e sensacionalistas. Os romances de Belot são exemplares de uma ficção oitocentista que começa com fôlego naturalista, mas opta ao final pelo melodrama (Mendes, 2019, p. 78-79).

Basílio, então, tinha plena ciência de que essa leitura “carnal e sensacionalista” atrairia a atenção da prima, por ser uma literatura picante, embora quase exclusiva ao público masculino. Concretizando mais uma de suas artimanhas, ele empresta *A mulher de fogo* a Luísa: “Mas no dia seguinte, muito habilmente, Basílio não fallou no passeio, nem no campo [...]. Parecia muito alegre, muito superficial; tinha-lhe trazido o romance de Belot, *A mulher de fogo*” (Queiroz, 1878, p. 167).

A presença de personagens leitoras também é recorrente n’*O primo Basílio*. Luísa é o exemplo mais conhecido e mencionado nos estudos queirozianos sobre a relação entre mulheres e literatura. É impossível abordar o assunto sem mencionar a tão famosa personagem de Eça e analisar o objetivo da crítica feita pelo autor por meio dessa representação.

Luísa tem muito da educação tradicional portuguesa que lhe era imposta. Nesse modelo educacional, como sabemos, apenas era permitida às mulheres a literatura romântica, presente em romances e novelas. É por isso que as leituras de Luísa estavam de acordo com esse padrão:

Lia muitos romances; tinha uma assignatura, na Baixa, ao mez. Em solteira, aos 18 annos, enthusiasára-se por Walter-Scott e pela Escocia; desejára então viver n’um d’aquelles castellos escocezes, que teem sobre as ogivas os brazões da *clan*, mobilados com arcos gothicas e tropheus d’armas, forrados de largas tapecerias, onde estão bordadas legendas heroicas, que o vento do lago agita e faz viver: e amára Ervandálo, Morton e Ivanhoé, ternos e graves, tendo sobre o gorro a penna d’aguia, presa ao lado pelo cardo d’Escocia d’esmeraldas e diamantes. Mas agora era o *moderno* que a captivava, Paris, as suas mobílias, as suas sentimentalidades. Ria-se dos trovadores, exaltára-se por Mr. De Camors; e os homens ideaes appareciam-lhe de gravata branca, nas hombraes das salas de baile, com um magnetismo no olhar, devorados de paixão, tendo palavras sublimes. Havia uma semana que se interessava por Margarida Gautier: o seu amor infeliz dava-lhe uma melancolia enevoada: via-a alta e magra, com o seu longo chale de cachemira, os olhos negros cheios da avidez da paixão e dos ardores da tísica; nos nomes mesmo do livro – Julia, Duprat, Armando, Prudencia, achava o sabor poetico d’uma vida intensamente amorosa; e todo aquelle destino se agitava, como n’uma musica triste, com ceias, noites delirantes, afflicções de dinheiro, e dias de melancolia no fundo d’um coupé, quando nas avenidas do Bois, sob um céu pardo e elegante, silenciosamente cahem as primeiras neves (Queiroz, 1878, p. 14-15).

A longa e conhecida passagem sobre as preferências literárias de Luísa permite ao leitor um contato com o gosto pessoal da personagem. Desde jovem, ela tem maior afeição à literatura romântica: amara os romances históricos de Walter Scott. O narrador inclusive destaca *Ivanhoé* como uma de suas obras favoritas. Com o passar do tempo, Luísa passa a gostar mais do “moderno” e se exalta com o romance *Monsieur de Camors*, de Octave Feuillet. No início da narrativa, está interessada em *A dama das camélias*, mas a última obra que lê é *A mulher de fogo*. O caráter das leituras se altera ao longo da trajetória de Luísa, da mesma maneira que a própria personagem sofre uma mudança em sua vida (e sua personalidade) após os encontros com Basílio. Além disso, como o modelo de educação tradicional julgava a literatura romântica mais adequada para as mulheres, percebemos uma diferença evidente entre as



preferências literárias de Luísa e as do Conselheiro Acácio ou de Jorge, por exemplo, o que reforça o contraste entre a educação recebida pelos homens e pelas mulheres naquele contexto.

O trecho também explica minuciosamente como Luísa enxergava a literatura e se relacionava com suas leituras. Ela não só lia um livro, mas mergulhava na atmosfera dos romances, envolvia-se com a trama e com os personagens, buscava trazer para a sua realidade algumas coisas que eram da ficção. Por isso, há no caso de Luísa um claro exemplo do chamado bovarismo, a idealização da vida das protagonistas de suas leituras, da mesma maneira que a personagem de Gustave Flaubert, Emma Bovary. Um exemplo de como Luísa imaginava sua vida como em um romance é a poetização feita em torno de seu envolvimento com Basílio, sobretudo antes da ida ao *Paraíso* pela primeira vez:

[...] – Ia, enfim, ter ella propria aquella aventura que lêra tantas vezes nos romances amorosos! Era uma fôrma nova do amor que ia experimentar, sensações excepcionaes! Havia tudo – a casinha mysteriosa, o segredo illegitimo, todas as palpações do perigo! [...] Mas era n'um terceiro andar, – quem sabe como seria dentro? Lembrava-lhe um romance de Paulo Féval em que o heroe, poeta e duque, fôrra de setins e tapeçarias o interior d'uma choça; encontra alli a sua amante; os que passam, vendo aquelle casebre arruinado, dão um pensamento compassivo á miseria que de certo o habita – em quanto dentro, muito secretamente, as flôres se esfolham nos vasos de Sèvres e os pés nús pisam Gobelins veneraveis! Conhecia o gosto de Bazilio, – e o *Paraíso* de certo era como no romance de Paulo Féval (Queiroz, 1878, p. 255-256).

Cogitamos a hipótese de que, mesmo com tal idealização, talvez outras razões tenham empurrado Luísa para os braços de Basílio. A jovem lisboeta, como aponta Sérgio Nazar, vive um conflito interno, pois deseja sexualmente seu primo e não demonstra nenhum tipo insatisfação com Jorge: “Luísa avança no território do adultério não porque quis (afinal está visto que ela não suportava querer o que desejava), mas sim porque isto fazia parte do seu desejo” (David, 2007, p. 36-37). No entanto, sabemos que o desejo sexual, mesmo estando muito presente naquela sociedade, era ocultado para se encaixar nos moldes vistos como ideais pelos indivíduos daquele meio. Dessa forma, “a sociedade submete o instinto sexual a uma regulamentação, confiscando e utilizando sua energia” (Kuster; Pechman, 2014, p. 282). Além disso, a cidade tem um papel fundamental na relação com o desejo por ser o local onde ele se manifesta e, ao mesmo tempo, por buscar limitá-lo:

A maneira como o desejo é tomado na cidade indica, pois, o espírito dessa mesma cidade, seja pondo em jogo a desordem das paixões – ao se abrir aos encontros, ao inesperado, ao desconhecido –, seja impedindo a imoderação de se expressar coletivamente, ou melhor, estabelecendo limites às possibilidades da convivência (Kuster; Pechman, 2014, p. 271-272).

Logo, Luísa precisa ter um alibi para justificar seu desejo, incompreendido no social e decalcado na sua vida psíquica. É por isso que a personagem utiliza o amor como uma justificativa para o adultério, pois, na verdade, não possuía sentimentos amorosos por Basílio e não podia assumir isso, devido aos códigos sociais de pudor que censuravam o desejo – principalmente o feminino – naquele meio. Nessa perspectiva, *O primo Basílio* encena o conflito psíquico vivido por Luísa, que sente repulsa por seu próprio desejo.

Outro importante aspecto relacionado às leituras românticas era o modo como essa literatura era vista pela sociedade oitocentista, porque muitos indivíduos pensavam que geraria uma mentalidade fantasiosa e transgressora nas moças. De acordo com Michelle Perrot (2019, p. 93), “ao longo do século XIX, reitera-se a afirmação de que a instrução é contrária tanto ao papel das mulheres quanto a sua natureza: feminilidade e saber se excluem. A leitura abre as portas perigosas do imaginário”, e esse pensamento social fica explícito na obra de Eça quando Luísa adoece, e Paula, seu vizinho, diz que “É muita dóse de novellas n’aquella cachimonia. Eu vejo-o de pela manhã até á noite de livro na mão. Põe-se a lê romances e mais romances... Ahi teem o resultado: arrazada!” (Queiroz, 1878, p. 461). A representação de Luísa, portanto, mostra uma jovem em conflito interior em uma sociedade em transformação, mas ainda muito presa aos preconceitos do passado.

Luísa não adoeceu e morreu, creio que o texto nos permite inferir, por consequência da idealização e de suas leituras ou pelo excesso do consumo de literatura romântica, mas sim porque ela é uma vítima de uma sociedade que não aceita – e busca esconder – o desejo. Eça nos mostra uma mulher pertencente à baixa burguesia lisboeta educada unicamente para encontrar um bom casamento, mas incapaz de sustentar o seu desejo. Ao mesmo tempo, o autor expõe o senso comum sobre a relação entre mulher e literatura que reforça a visão de que o público feminino não deve consumir a literatura romântica.

Mesmo com diversas referências a grandes títulos da literatura, o romance *A dama das camélias* merece uma atenção especial, devido ao espaço que ele ocupa na narrativa queirosiana. A obra de Alexandre Dumas Filho, publicada em 1848, conta o desenrolar da história entre Margarida Gautier, uma famosa cortesã parisiense, e Armando Duval, um jovem pertencente à alta classe social. N’*O primo Basílio*, a personagem principal do romance

de Dumas Filho atravessa tanto os leitores do público masculino quanto do feminino. Lembremos que os amigos de Jorge “desejavam ter amado Margarida Gautier” (Queiroz, 1878, p. 8) e que Luísa

[...] havia uma semana que se interessava por Margarida Gautier: o seu amor infeliz dava-lhe uma melancolia enevoada: via-a alta e magra, com o seu longo chale de cachemira, os olhos negros cheios da avidez da paixão e dos ardores da tísica (Queiroz, 1878, p. 15).

Ou seja: enquanto os homens queriam amar Margarida, provavelmente por sua beleza e sua fama, Luísa se interessava pelo sofrimento da personagem, que se mistura entre a paixão e a doença – da mesma maneira que aconteceu com ela após o envolvimento com Basílio, sendo esse um indicativo, já no início do texto de Eça, do desfecho de Luísa.

Além disso, *A dama das Camélias* também funciona como um ponto de encontro entre Luísa e Leopoldina. Ambas as amigas leram o romance francês e, quando elas se encontram na casa de Luísa, começam a conversar sobre a obra:

A *Traviata* lembrou a Luíza a *Dama das Camélias*: fallaram do romance: recordaram episodios...

— Que paixão que eu tive por Armando em rapariga! – disse Leopoldina.

— E eu foi por d’Artagnan – exclamou ingenuamente Luíza.

Riram muito (Queiroz, 1888, p. 220).

Por essa passagem podemos ter ciência de que Leopoldina foi apaixonada por Armando, personagem d’*A dama das camélias*, quando era jovem, e Luísa, por d’Artagnan, personagem da obra de Alexandre Dumas (pai), *Os três mosqueteiros*. A literatura de Alexandre Dumas Filho é, portanto, um elo de aproximação entre as personagens que estabelece e reforça relações entre as amigas, sempre tão interessadas por leituras românticas.

A inserção de personagens leitores nos cenários d’*O primo Basílio* é recorrente. Em um *flashback* feito por Luísa no início da obra, vemos que sua mãe “resonava baixo, com os pés embrulhados n’uma manta, o volume da *Bibliotheca das Damas* cahido sobre o regaço” (Queiroz, 1878, p. 18), o que marca novamente a leitura do público feminino da época, pois esse exemplar da *Bibliotheca das Damas* provavelmente teria textos que, em teoria, seriam adequados às mulheres. Em uma outra passagem, o narrador nos informa que “D. Felicidade andava a lêr o *Rocambole*. Tanto lh’o tinham apregoadado! Mas era uma tal trapalhada! Embrulhava-se, esquecia-se... E ia deixar, porque tinha percebido que a leitura lhe augmentava a indigestão” (Queiroz, 1878,

p. 119). Tal trecho possui um cunho cômico, porque a obra de Ponson du Terrail conta diversas aventuras e façanhas do personagem Rocambole e a série de eventos narrados faz com que D. Felicidade<sup>5</sup> se sinta atordoada.

Ainda sobre as referências literárias na obra de Eça, vemos que um tio de Sebastião era “um velho exquísito, com um olhar de doudo, que passava a existencia combinando enxertos no pomar, e lendo, relendo o *Eurico*” (Queiroz, 1878, p. 154), ou seja, novamente há a presença da literatura romântica naquele meio, agora representada pelo romance de Alexandre Herculano. Também sabemos que um primo de Sebastião tinha “um gabão pelos ombros, os pés embrulhados n’um cobertor, tomando *grog*s quentes, e [lia] o *Homem dos tres calções*” (Queiroz, 1878, p. 527) – há aqui mais uma vez referências à literatura francesa, dessa vez ao romancista Paul de Kock.

A incorporação da literatura nas cenas do romance queiroziano, portanto, aparece ora como principal elemento, ora como um componente secundário que enriquece as descrições, sempre com relevância para a narrativa, e nos permite uma interpretação dos eventos do contexto literário e das manifestações artísticas a partir de perspectivas mais ricas e sutis.

Um ponto em comum entre os personagens femininos e masculinos, leitores n’*O primo Basílio*, é a leitura de jornais. Também utilizado como um elemento que incrementa os detalhes dos cenários e colabora para a produção de sentido, os periódicos aparecem de diversas maneiras e é possível ampliar, por meio deles, o conhecimento da sociedade de então e saber como era a vida em Lisboa. Temos os anúncios de peças de teatro, a divulgação das viagens das pessoas do *high life*, a venda de romances, o contato com seções de crônicas, folhetins, ilustrações, entre outros. Dentre os periódicos e revistas utilizados para ilustrar o romance de Eça, notamos a menção de alguns<sup>6</sup>: o *Diário de Notícias*, a *Ilustração*, o *Jornal do Comércio*, o *Times*, a *Nação* e o *Século*.

Vejam os perfis de alguns desses jornais: enquanto o *Diário de Notícias* possuía um caráter mais informativo, que expunha as movimentações sociais de Portugal e outros países, a *Nação* apresentava um formato mais partidário e de cunho religioso – como indicado em sua capa, era um “*Jornal religioso e político*” –, e a *Ilustração* era uma revista de origem francesa, publicada no Brasil e em Portugal, que tinha uma postura mais histórica e artística, com a presença de imagens e crônicas, entre outros elementos.

5 Além disso, algumas atitudes de D. Felicidade, como suas investidas ao Conselheiro Acácio ou suas constantes irritações estomacais, colaboram para essa reação inusitada e cômica que a personagem possui ao ler as aventuras de Rocambole.

6 Dentre todos esses jornais, apenas o *Diário de Notícias* é trabalhado com maior profundidade na narrativa. Pouco é informado ao leitor sobre o conteúdo dos outros periódicos; no caso d’*O Século*, por exemplo, apenas temos ciência que Savedra, o redator do periódico, tinha uma mão “que escrevia tanta banalidade e tanta mentira” (Queiroz, 1878, p. 439), o que nos induz a pensar sobre um possível juízo de valor do narrador em relação ao tipo de artigo publicado nesse jornal.

Novamente há um destaque para Luísa, que era uma leitora não só de romances e novelas, mas também de periódicos. Tal característica fica explícita já no início da narrativa, em que ela “Ficára sentada á mesa, a lêr o *Diario de Noticias*, no seu roupão de manhã de fazenda preta [...]” (Queiroz, 1878, p. 5). Há uma grande recorrência da personagem lendo o *Diário de Notícias*, e é inclusive por esse jornal que ela tem conhecimento da chegada de Basílio a Lisboa, ou seja, é por meio dos periódicos que os personagens têm acesso às movimentações da cidade e de outros países.

Outro ponto de análise curioso sobre o retrato da leitura de jornais n’*O primo Basílio* é a representação dessa leitura como uma coisa corriqueira e feita, muitas vezes, de forma lânguida, preguiçosa. Luísa, por exemplo, “depois de almoço, veio para o quarto estender-se na *causeuse*, com o seu *Diario de Noticias*” (Queiroz, 1878, p. 238); “sentada na *voltaire*, á janella da sala de jantar, lia machinalmente o *Diario de Noticias*, quasi sem compreender” (Queiroz, 1878, p. 469); o visconde Reinaldo, amigo de Basílio, “lia o *Times*<sup>7</sup> languidamente, enterrado n’uma poltrona” (Queiroz, 1878, p. 195). Basílio, em um certo momento, realizou “uma leitura preguiçosa da *Illustração*” (Queiroz, 1878, p. 235), e Jorge,

[...] chegando despercebido ao quarto, surprehendeu Juliana commodamente deitada na *chaise-longue*, lendo tranquillamente o jornal.

Ergueu-se, muita vermelha, mal o viu, balbuciou:

— Peço desculpa, tinha-me dado uma palpação tão forte...

— Que se pôz a ler o jornal, hein?... – disse Jorge, apertando instintivamente o castão da bengala [...] (Queiroz, 1878, p. 487).<sup>8</sup>

Nesses trechos percebemos que a leitura dos periódicos e revistas muitas vezes era feita de maneira mecânica, quase artificial, como se não fossem relevantes naquele cenário e, por isso, não exigissem muito esforço do leitor.<sup>9</sup> Essa representação fica mais evidente quando observamos os termos utilizados pelo narrador para descrever as leituras dos personagens: Luísa lia deitada, “maquinalmente” e “quase sem compreender”; o Visconde Reinaldo

7 A representação do visconde Reinaldo quanto a seu sentimento em relação a Portugal se reflete na leitura dos jornais: como ele odiava o país lusitano e vivia muito na Inglaterra, sua preferência era pela leitura do periódico inglês.

8 Outra análise pertinente a essa passagem se dá pelo fato de Juliana, por meio da leitura do jornal, querer copiar o estilo de vida de Luísa. O ato de ler descansadamente o periódico enquanto está deitada comodamente em uma *chaise longue* é feito apenas pelas senhoras (inclusive por Luísa), que era o *status* almejado por Juliana.

9 É possível perceber o contraste no ânimo de Luísa, por exemplo, ao ler um jornal e um romance. Por um lado, ela “lia machinalmente o *Diario de Noticias*”; por outro, “começou a lêr, toda interessada”, *A dama das camélias*.

lia “languidamente”; Basílio fez uma “leitura preguiçosa”; e Jorge encontrou Juliana lendo “tranquilamente”, “comodamente” deitada. A análise dessas construções, portanto, nos permite observar o modo com os personagens realizam a leitura dos jornais, que muitas vezes dialogava com a apatia de Lisboa, tão criticada por Eça de Queirós.

Uma característica comum aos jornais da época era a divulgação das idas e vindas das pessoas do *high life* social. Quando retorna de viagem, o Conselheiro questiona Luísa: “— Estive em Cintra, minha querida senhora. — E parando: — Não sabia? O *Diario de Noticias* especificou-o!” (Queiroz, 1878, p. 307). A notícia da chegada de Basílio em Lisboa foi assim transmitida pelo mesmo periódico:

“Deve chegar por estes dias a Lisboa, vindo de Bordeus, o snr. Bazilio de Brito, bem conhecido da nossa sociedade. S. exc.<sup>a</sup> que, como é sabido, tinha partido para o Brazil, onde se diz reconstituira a sua fortuna com um honrado trabalho, anda viajando pela Europa desde o começo do anno passado. A sua volta á capital é um verdadeiro jubilo para os amigos de s. exc.<sup>a</sup> que são numerosos” (Queiroz, 1878, p. 10).

Ainda por meio do *Diário de Notícias*, Luísa teve ciência da partida de Castro para a França e ficou sabendo que o banqueiro havia comprado uma propriedade:

[...] Luiza sentada na voltaire, á janella da sala de jantar, lia machinalmente o *Diario de Noticias*, quasi sem comprehender, quando uma noticia, no alto da pagina, lhe deu um sobresalto: “Parte além d’âmanhã para França o nosso amigo e conhecido banqueiro Castro, da firma Castro Miranda & C.<sup>a</sup> S. exc.<sup>a</sup> retira-se dos negocios da praça, e vai estabelecer-se definitivamente em França, perto de Bordeus, onde comprou ultimamente uma valiosa propriedade” (Queiroz, 1878, p. 469-470).

Mais uma vez, vemos que todas as movimentações de Portugal e de outros países estavam presentes nos jornais. Por isso, a urbanidade e todas as suas relações ganham espaço em mais este aspecto da obra de Eça: antes, por meio de obras literárias, agora, pelos jornais.

Em *O primo Basílio*, percebe-se a diversidade de temáticas e notícias que circulavam nos periódicos: Paula, vizinho de Luísa, possuía uma postura ideológica reforçada pela leitura da *Nação*, e o narrador mostrava que ele “cada dia detestava mais os padres! e todas as noites lia a *Nação* que lhe emprestava o Azevedo, repastando-se com rancor d’artigos devotos, que o exasperavam, o impelliam para o atheismo” (Queiroz, 1878, p. 605-606); Sebastião, para ter conhecimento da programação do teatro em determinado dia, recorreu

aos anúncios do *Jornal do Comércio*: “Levantou-se lentamente, foi buscar o *Jornal do Commercio*, sobre a mesa, olhou os annuncios: — Podiam ir a S. Carlos, que acaba mais tarde... É o *Fausto*... Podiam ir vêr o *Fausto*...” (Queiroz, 1878, p. 508). Já o Conselheiro recomendara a leitura da *Ilustração* para Luísa porque, pela leitura da revista, a jovem, “segundo elle lhe dissera, ‘podia, ao mesmo tempo que se divertia com os desenhos, adquirir noções uteis sobre importantes acontecimentos historicos’ [...]” (Queiroz, 1878, p. 567). Logo, os periódicos e revistas indicavam acontecimentos políticos, sociais e culturais daquele meio, e a inserção desses elementos na narrativa possibilitou uma maior verossimilhança ao projeto literário realista-naturalista de Eça de Queirós ao representar a sociedade burguesa lisboeta do século XIX.

Portanto, n’*O primo Basílio* percebemos como se deu a metalinguagem literária na obra de Eça e observamos como a literatura surgiu dentro da própria literatura e passou a ser um importante elemento para a compreensão do contexto sociocultural lisboeta oitocentista. Há uma vasta presença de personagens leitores no romance, representada pela leitura de livros ou de jornais, e nos propusemos a estudar como todos esses elementos devem ser observados como aspectos fundamentais para a produção de sentido do texto queirosiano.

## Referências

- DAVID, Sérgio Nazar. *O século de Silvestre da Silva*. Rio de Janeiro: 7Letras; FAPERJ, 2007. v. 2. Estudos queirosianos.
- KUSTER, Eliana; PECHMAN, Robert. *O chamado da cidade: ensaios sobre a urbanidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- MENDES, Leonardo. O naturalismo na livraria do século XIX. *Revista Letras*, Curitiba, n. 100, p. 71-90, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/68846/0>. Acesso em: 16 maio 2024.
- MENDES, Leonardo. Biblioteca Galante: A Gazeta de Notícias e a popularização da pornografia no Brasil pós-1870. *Brasília: Journal for Brazilian Studies*, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 239-258, set. 2020.
- Disponível em: <https://tidsskrift.dk/bras/article/view/120216/169134>. Acesso em: 16 maio 2024.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2019.

QUEIROZ, Eça de. *O primo Basílio*: episódio doméstico. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1878. Disponível em: <http://purl.pt/11>. Acesso em: 28 jun. 2022.

REIS, Carlos. *O essencial sobre Eça de Queirós*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

**Isabela Coradini Pinheiro.** Doutoranda em Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/Capes), seu foco de pesquisa são os elementos culturais nas obras do autor Eça de Queirós. Mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/Capes), com a dissertação *Entre pincéis, penas e partituras: a arte dentro da arte em O primo Basílio, de Eça de Queirós*. Graduada em Letras – Português/Literaturas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

**E-mail:** isabela.coradini@hotmail.com

#### **Declaração de Autoria**

Isabela Coradini Pinheiro, declarada autora, confirma sua participação em todas as etapas de elaboração do trabalho:

1. Concepção, projeto, pesquisa bibliográfica, análise e interpretação dos dados; 2. Redação e revisão do manuscrito;
3. Aprovação da versão final do manuscrito para publicação; 4. Responsabilidade por todos os aspectos do trabalho e garantia pela exatidão e integridade de qualquer parte da obra.

#### **Declaração de Disponibilidade de Dados**

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

#### **Parecer Final dos Editores**

Ana Maria Lisboa de Mello, Elena Cristina Palmero González, Rafael Gutierrez Giraldo e Rodrigo Labriola, aprovamos a versão final deste texto para sua publicação.

**Recebido em:** 12/05/2025

**Aceito em:** 30/07/2025